

Ilê Sartuzi**A. E A de novo.**

Abrem-se as cortinas, há uma tentativa de enunciação que resulta tão somente em uma vibração, ou ainda esse imperativo do dizer torna impossível terminar uma discussão. Essas pequenas cenas acontecem em diferentes ambientes do *auroras*, onde figuram objetos mecanizados, coreografias pré-programadas e aleatórias, sinais de luz, pinturas e vídeos. O que elas têm em comum é que parecem conter uma certa teatralidade na maneira como se apresentam.

Na exposição de Ilê Sartuzi no *auroras*, as ações parecem um começo sempre postergado, fadadas ao fracasso, ou encontram dificuldade na articulação de um sentido coerente. A tentativa de comunicação emite uma luz vermelha em código morse a partir do interior da casa enquanto escuta-se ruídos de outras partes. Formalmente, a repetição encadeia essas partes em um *loop* que abrange virtualmente todos os objetos. Isto é, a “vivacidade” das coisas é programada para que existam momentos de saturação de estímulos e outros de ações mais pontuais.

As escalas dos objetos variam de miniaturas, uma cortina para pessoas pequenas, algo do tamanho de brinquedos infantis e o padrão de manequins adultos. Eles remetem à universos de representações, seja pelos exercícios de imaginação infantil ou pelos elementos do teatro.

Pela natureza dos trabalhos, o horário de visitação da exposição é alterado, começando ao anoitecer. Dessa maneira, a mostra permanece desativada durante o dia. Nessa atmosfera, a casa é tomada por objetos inanimados enquanto cria-se uma possível narrativa de novos moradores.

Ilê Sartuzi**A. E A de novo.****31 de Julho – 02 de Outubro**

Sexta e Sábado das 18h às 21h

Ou com agendamento (à noite)

Ilê Sartuzi (1995, vive e trabalha em São Paulo) é artista formado pela Universidade de São Paulo (USP). Sua pesquisa envolve objetos escultóricos, vídeos e projeções mapeadas, instalações e peças teatrais abordando questões relativas à imagem idealizada do corpo, muitas vezes fragmentado ou construído a partir de diferentes partes; mas também a ausência dessa figura em espaços proto-arquitetônicos e digitais. O interesse pelas artes dramáticas nos últimos anos conferiu uma teatralidade para os objetos e instalações que são animadas por movimentos mecânicos e interpretam dramaturgias e coreografias. A repetição é recorrente seja como elemento construtivo de objetos moduláveis, uma estrutura cíclica, ou como estratégica dramática.

Participou de exposições em instituições como Videobrasil (2021); Bienal SUR (2021); Homeostasis Lab (2021); Instituto Moreira Salles (2020); SESC (Ribeirão Preto, 2019; Distrito Federal, 2018); CCSP – Centro Cultural São Paulo (2018); MAC-USP Museu de Arte Contemporânea (2017); Museu de Arte de Ribeirão Preto (2020; 2017; 2015); Centro Universitário Maria Antônia (2019); Galeria Vermelho (2017; 2018, 2019); as três em colaboração com o grupo de pesquisa *Depois do Fim da Arte* que integra desde 2015. Apresentou peças teatrais realizando projeção mapeada de vídeo em espaços como a Oficina Oswald de Andrade (2018, 2020); Itaú Cultural (2019); Teatro de Contêiner (2019) e no TUSP (2019). Trabalhando por mais de um ano em um projeto específico, estreou sua peça sem atores “cabeça oca espuma de boneca” na Firma (São Paulo, 2019). Recebeu o Prêmio PIPA em 2021.

Colaboram também com essa exposição:

Lucienne Guedes Fahrer é atriz, fundadora do Teatro da Vertigem. É também diretora, dramaturga, pesquisadora e professora, doutora em Artes Cênicas pela ECA/USP e professora na UNICAMP. Trabalhou como artista colaboradora de vários grupos, entre eles o Teatro de Narradores, a Cia. Balagan e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos.

Marcus Garcia é ator, cenógrafo, artista eletrônico, iluminador, diretor e “traquitaneiro” formado em Artes Cênicas pela USP (CAC - ECA) com habilitação em Interpretação Teatral. Também possui uma graduação incompleta em Engenharia pela Poli-USP (2005-2008). Foi membro fundador do 28 Patas Furiosas e do Heterônimos Coletivos de Teatro, é também diretor do Coletivo Karenin.

Sílvio Restiffe é formado como ator pelo INDAC, aprofundou seus estudos no CPT - Centro de Pesquisa Teatral, com direção de Antunes Filho. Desenvolveu sua pesquisa artística transitando por diversas companhias de teatro de pesquisa como o Círculo dos Comediantes, a Companhia da Mentira, a Mundana Companhia - com a aclamada montagem de "O Idiota" com direção de Cibele Forjaz - a Companhia Livre, a Velha Companhia e a Associação Zona Franca. No cinema destacam-se “Tatuagem” de Hilton Lacerda e “Jardim Europa” de Mauro Baptista.